

Gabriel Mariano

Luis Romano

Ao reviver a personalidade artística e intelectual de tão distinta figura de revelação literoverdiana - Gabriel Mariano, que marcou época dentro e fora de Caboverde desde os tempos do Liceu - destacando-se o ensaio *O amor e partida na poesia de Eugénio Tavares* (1950) ao poema proibido *Capitão Ambrósio* (década de 1960), até ao remate final em *Ladeira Grande*, antologia poética (1993), entre vultuosa gama de variedade poligráfica nativista, é-nos grato esta homenagem que lhe prestamos caboverdianamente merecida.

Vem a propósito confirmar o quanto nos honrou sua presença literária no livro recém-publicado no Brasil, que transcrevemos das páginas 193-195 constantes em *Kabverd - Civilização e Cultura* (2000), como segue:

“Natural de Sanicolau (1928 a 2002). Com equilibrado talento analítico-literário, potencialmente poeta, Gabriel Mariano posicionou-se em *Nós-Terra* frente a negativas circunstâncias telúricas: o cenário humano em que, com nitidez, se lhe revelou a problemática do nosso

irmão-nativo sob duplo aspecto - existencial e criativo.

Porventura das figuras pioneiras da moderna literatura caboverdiana, ainda é destaque na presente conjuntura que atravessamos, graças ao seu dom de ficcionista investigador - garantia que enobrece como polígrafo literoverdiano empenhado na cidadania nacional.

Escritor fecundo sobre estudos sócio-etnográficos concernentes à Kriolanda, emparelhados a contos e poemas tem, por acréscimo, importante parcela de sua obra fragmentada em diversos órgãos de imprensa, o que não deixa de ser nociva dispersão. Para minorar tamanho contratempo, melhor fora reuni-la sob património cultural (nacional) pelo inegável valor que representa para nós.

Se evocarmos o cenário retrospectivo de 1958, depara-se-nos Gabriel Mariano fundador do *Suplemento Cultural*, em arrojada tarefa valorizando a caboverdianidade no cultivo da poesia nativa, sob inquieta procura de raízes que nos afectam. Idealista, foi dos que, a par de J. Bernardo Alfama, Eugénio Tavares, Pedro Cardoso, Sérgio Frusoni, Mário Macedo, Ovídio Martins, Luis Romano, Kaoberdiano Dambará, Braga Tavares, Tacalhe, Oliveira Barros, Osvaldo Osório, Kaká Barbosa, Tomé Varela, Artur Vieira, David Hoppfer, Zéluis Hoppfer, Horácio Santos, etc., sobremaneira contribuíram para fortalecer a viva expressão linguística do idioma materno.”

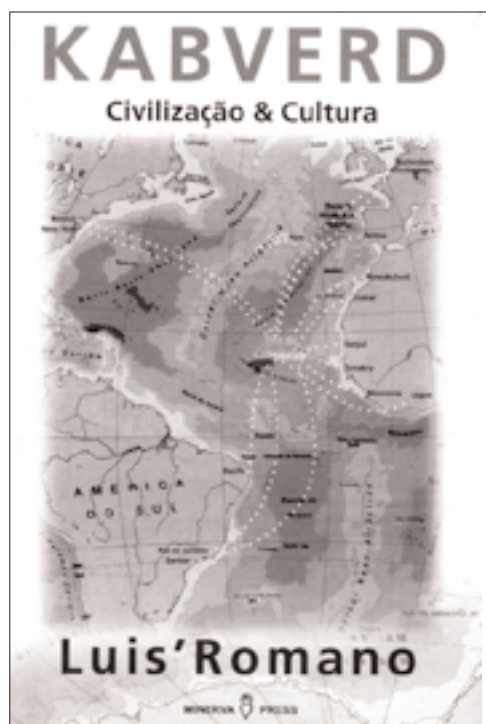
Acresce sublinhar que Gabriel Mariano procurou destacar nalguns dos seus ensaios o *substractum* Afro sob roteiro de manifestações populares, formas ou recursos expressivos plasmados na linfa orgânica de *Nós Gente* em *Nós Terra*, contrariando, por vezes excessos eurocêntricos de remotas situações opostas à presença geneticamente constituída de elementos vitais geograficamente *Euroafroverdianos*, de que resultou simbiose trivalente.

Pois bem, para nós entretanto a atenção prendeu-se na intensidade e eloquência expressiva do *Capitão Ambrósio*, que consideramos epopeia nacional escrita sob vigor exaltado, com respaldo na coragem combativa de um conterrâneo liberal, ao denunciar ululante agitação popular acontecida na cidade da Ilha de Sanvicente, nos idos de 1934. Seu tom consubstancia-se pela instigante apelação que só foi possível divulgar posteriormente, em círculos secretos de compatriotas já vigiados pela censura imperante. Só mais tarde, após a independência nacional é que foi integralmente publicado (1975).

Abstraindo-nos de antevisão libertária, ou heróico alcance que esse poema atingiu na conjuntura em que foi inspirado, há que analisar e considerar o pendor artístico desse iniciante paladino ao alardear o gesto revolucionário e mártir do Capitão Ambrósio empunhando destemidamente a Bandeira Negra da fome, naquela memorável marcha viva constituída pela população acoçada pelo desespero, ou alterada pela carência alimentar, em data de tão sinistra memória acontecida em Mindelo, dias há.

Depois... quem se refugiou no estrangeiro e teve o privilégio de escutar a voz de anónimo locutor caboverdiano, desde Holanda, Konakri ou Moscovo, declamando na clandestinidade essa epopeia sob patética tonalidade protestatória, por certo foi atingido por combativa descarga emocional, ou mensagem estimulante que galvanizou conterrâneos e companheiros de luta juramentados, também possuídos pela esperança certeza pressentindo a Independência de Caboverde já com sintomas de eclosão.

Por todo esse desenrolar de situações e factos dignos de menção, aqui prestamos nossa homenagem ao escritor humanista que fez do talento poderosa arma enaltecendo a cidadania caboverdiana ao esmerar-se no aprumo pessoal e



concisão essencial em tudo quanto escreveu, com destaque pela sobriedade, inteligência e cultura expressas em mensagens e gestos de que não se privou para honrar sua terra natal e seu povo amável ●

Natal, Brasil, 2002

BIBLIOGRAFIA

- 1950 - *O amor na poesia de Eugénio Tavares*, ensaio
- *O roubo*, conto
- 1952 - *A morna, expressão da alma de um povo*, ensaio
- 1953 - *Velho Natal*, conto
- 1956 - *Caduca*, conto
- 1957 - *O rapaz doente*, conto
- *O intruso*, conto
- *Titia*, conto
- 1958 - *A mestiçagem, seu papel na formação da sociedade caboverdiana*, ensaio
- *Negritude e caboverdianidade*, ensaio
- *Em torno do crioulo*, ensaio
- *A conta do café*, conto
- *Resignação*, conto
- *Nome de casa e nome de igreja*, ensaio
- 1959 - *Do funco ao sobrado, ou o mundo que o mulato criou*, ensaio
- *Inquietação e serenidade, aspectos da insularidade na poesia de Cabo Verde*, ensaio
- 1960 - *O bilinguismo e a estrutura económica*, ensaio
- 1963 - *O ciclo claridoso não se fechou*, ensaio
- 1964 - *Filho primogénito*, conto
- *Uma introdução à poesia de Jorge Barbosa*, estudo
- 1965 - *12 poemas de circunstância*, poesia
- 1975 - *Capitão Ambrósio*, poema
- 1976 - *Vida e morte de João Cabafúme*, contos
- 1988 - *Louvação da "Claridade"*
- 1991 - *Oswaldo Alcântara, o caçador de heranças*, ensaio
- *Cultura caboverdiana*, ensaios
- 1993 - *Ladeira grande*, antologia poética

Lembrando Gabriel Mariano

Nuno Álvares de Miranda

Mal refeito da morte recente de Gabriel Mariano em Portugal, onde vivia, solicitem-me um depoimento que me propus, desde logo, outro valor não tivesse senão transmitir alguma coisa, pouca, sobre a linha dos sentimentos e tratos que me ligaram ao esforçado e indiscutível interventor que ele foi no movimento cultural das ilhas de Cabo Verde.

Datam de Lisboa os contactos mais estreitos que tivemos. Os quais nos ensejaram a troca de pontos de vista de ocasião, as nossas ideias gerais se consubstanciando de fora dessa toma eivada de sectarismo em certa altura a minar, corrosiva e pragmática, o relacionamento dos intelectuais daquelas ilhas.

O nosso trato remonta aos primeiros tempos da minha chegada à capital portuguesa, Mariano já ia em estudos avançados na Faculdade de Direito para que inicialmente me destinara, antes de me ter encarreado das regras jurídicas, dois anos depois, para rumos outros para que me fui orçando.

Residindo naquele tempo em ruas paralelas - ele abaixo à Carvalho Araújo; eu no nº 45 da Actor vale, quem saberá dizer, agora, se foi o deslumbramento pela água não havida no arquipélago e ao fascínio a jorrar a borbotões na Fonte Luminosa; se à falta de aturdas defesas genéticas à seca tradicional, no arquipélago, a exuberância tamanha do líquido iluminado nos atraindo é que nos encarreado os passeios nocturnos, aos passos compassados com que circundávamos aquela praça larga depois do jantar.

Descambávamos ao léu do acaso por coisas líricas enquanto em regressão psicológica a origens telúricas, enquanto em confissão de fraquezas assentes em mal escondidos desejos, que seguiam ao vento e em diante pela cidade tentacular, era assim que ao sopro de uma brisa e em regresso entrávamos nos braços de ébano da nossa infância pronta a

nos receber outra vez, ninados que fôssemos novamente e em meninência no arquipélago que nos criou.

Falávamos de livros de poesia, de romances, críticas e ensaios. Dos concertos de jazz no *Hot Club*, à Praça da Alegria; mormente de estudos, à luz de rasgos pensamentais em blocos descontínuos mas coerentes, já então porque apoiados por nosso assento no transcurso universitário.

As ideias que de Mariano escutava, acerca da sua exaltação do mestiço caboverdiano, retomavam o que ele já defendia, ainda fazíamos os dois na Ilha de São Vicente o liceu. Mais esclarecidos agora, naquilo que descortinávamos, era de virmos então estando a ganhar apetrecho de nos permitir debater com sustentação os problemas de actual ou constante vigência, qual fosse a linha empreendida na exaltação do papel do homem na história, na sua relação com o meio social e, assim, as abordagens que fazíamos então implicando o caboverdiano, enquanto produto e a um tempo criador de suas próprias circunstâncias para sobreviver, nas ilhas sáfaras e sem recursos de maior. Em declarativa apetência exaltante para o *entendi-*

